

COMO ERA BELA A ESCRAVIDÃO

Muitos achavam que o casamento não poderia dar certo, tão diferentes eram um do outro. Ele, grande, loiro, porte algo majestático, face impassível. Ela era miúda, tímida. Ele era procurador em uma grande empresa. Ela era digitadora na mesma empresa. Ele era respeitadíssimo, temido até. Ela era tímida. E morena. Escurinha. O contraste chamava a atenção.

Contudo, casaram-se. E como muitos haviam previsto, logo começaram os problemas. Pois ela continuou a trabalhar na empresa; e como não se tratava de uma digitadora especialmente boa, era repreendida, por ele, na frente de todo mundo. Finalmente, pediu para se afastar do serviço, porque então já estava grávida, de modo que ele concordou. Com uma condição: demitiria a empregada e ela teria de fazer todo o trabalho doméstico. Mesquinho que era, preparou uma lista com todos os deveres, determinando os horários nos quais deveria cumprir as obrigações. Elaborou até um contrato, assinado pelos dois.

A criança veio ao mundo e era muito es-

cara, o que despertou, nele, certa desconfiança. Interrogou os sogros e recebeu a confirmação: sim, havia antepassados negros na família, incluindo um rei nagô, que se havia suicidado para não cair vivo nas mãos dos inimigos brancos. Não se sabe se ficou satisfeito com esta afirmação; o certo é que, a partir de então, passou a exigir mais trabalho de sua mulher. Ela agora não só cuidava da criança, como também cozinhava, fazia a limpeza e lavava a roupa. Um dia ele a chamou para uma conversa. Recordou-lhe que os negros no Brasil haviam sido escravos até quase o início do século vinte, e que esta situação teria persistido, se não fosse a lei da abolição da escravatura. Alguns achavam boa, tal lei; mas ele a considerava especialmente ruim.

— Com isto quero te dizer — concluiu abruptamente — que a lei abolindo a escravatura não é mais considerada válida nesta casa.

Ela baixou a cabeça, não disse nada. Ele entregou-lhe um papel. Era uma declaração pela qual concordavam com a extinção da tal lei. Chorando, ela assinou. A partir de então, ele não apenas aumentou-lhe a carga de serviço, como introduziu castigos, começando com o racionamento da comida e chegando até o pelourinho. Ela aguentava sem dizer nada. Apenas olhava-o como um animal assusta-

do. Uma noite, quando ele chegou em casa, o menino estava sentado no chão, chorando. O lugar estava transformado num caos infernal. Enfurecido, ele correu até o quarto da empregada, onde ela agora dormia. “Abre! Abre esta porta!”

Nenhuma resposta. “Abre, senão vou botar a porta abaixo a pontapé!”

A porta se abriu, e ela apareceu. Nua. O corpo inteiro estava pintado, como se ela fosse uma selvagem da África. O seu olhar era tão desvairado que ele recuou, assustado. Ela correu e, passando por ele, atirou-se pela sacada. Treze andares.

Sobre ele, o que se pode dizer é que entregou a criança aos avós. Foi-se, jurando que nunca mais casaria com uma descendente de rei nagô, daquelas que se suicidam para não cair nas mãos do inimigo.

IN: SCLUAR, Meacyn. "Pai e filho,  
filho e pai e outros contos es-  
cavidos". Porto Alegre: L & PM,  
2010, pag. 62-64.